

A PROBLEMÁTICA DO SER, DO NÃO-SER E DO DEVIR NO SOFISTA E NO TIMEU DE PLATÃO: E SUAS ORIGENS NA FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA

Thiago Staibano Alves¹

RESUMO: Este artigo realiza um estudo de como a problemática do Ser, o Não-ser e o *devir* foi abordada na obra Platônica (especificadamente no *Sofista e no Timeu*), e em como a herança de pensadores como Heráclito e Parmênides se fizeram sentir nos rumos e soluções que Platão deu a esta questão. Conclui-se que há uma certa tentativa de harmonização, ora dando razão a teoria do *devir* de Heráclito e ora dando-se razão à teoria da impossibilidade do Não-ser (mesmo que reinterpretada) e da imobilidade do Ser de Parmênides. Por fim, percebe-se que no *Timeu* houve a necessidade da apresentação explícita de dois mundos para que o Ser, o Não-Ser e o *devir* pudessem coexistir, enquanto que no *Sofista* a separação do mundo não é citada como condição à existência destas categorias em um único e mesmo campo da realidade.

PALAVRAS-CHAVES: Platão. Heráclito. Parmênides. Devir. Ser.

THE PROBLEMATICS OF BEING, NON-BEING AND BECOMING IN PLATO'S SOPHIST AND TIMAEUS: AND ITS ORIGINS IN PRE-SOCRATIC PHILOSOPHY

ABSTRACT: This article carries out a study of how the problematic of Being, Non-being and becoming was approached in the Platonic work (specifically in the *Sophist and Timaeus*), and how the legacy of thinkers such as Heraclitus and Parmenides was felt in the directions and

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Atua profissionalmente na Radix, em Georgetown, Texas, US. e-mail: staibanoalvesthiago1@gmail.com

solutions that Plato gave to this question. It is concluded that there is a certain attempt at harmonization, sometimes giving reason to Heraclitus' theory of becoming and sometimes giving reason to the theory of the impossibility of Non-being (even if reinterpreted) and the immobility of Being by Parmenides. Finally, it is clear that in the *Timaeus* there was a need for the explicit presentation of two worlds so that Being, Non-Being and becoming could coexist, while in the *Sophist* the separation of the world is not mentioned as a condition for the existence of these categories in one and the same field of reality.

KEYWORDS: Plato. Heraclitus. Parmenides. Becoming. Being.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios do nascimento da Filosofia Clássica na Grécia, havia da parte de seus primeiros pensadores uma preocupação com a problemática do devir das coisas, entendido uma passagem do Não-ser para o Ser. (REALE, 2012) A questão de como o mundo, ou o *Kosmos* surgia, qual sua causa ou princípio primeiro foi o objeto de estudo e indagações daqueles que são considerados os primeiros filósofos da tradição ocidental, os chamados Filósofos da Natureza ou da *Physis* (REALE, 2012).

Esta tradição filosófica é iniciada por Tales (séc. VI a.c), filósofo de Mileto que diz ser a água o princípio de todas as coisas, a *arché* do mundo natural (REALE, 2012). Por meio desta, todas as coisas surgiam, vinham a ser, mantinham-se em sua existência e a ela (a água) retornavam após seu aniquilamento (REALE, 2012). A fim de criar todas as coisas, este primeiro princípio passaria por um processo de transformação em seus atributos, um *devir*, por meio do qual todas as coisas do mundo seriam criadas, passando assim do Não-ser ao Ser.

Esta escola de pensamento filosófico (a escola Milesiana), será grandemente influente em um primeiro período do pensamento filosófico grego (REALE, 2012). Demais pensadores como Anaximandro, Anaxímenes

e Heráclito (este último dando a ênfase principal a questão do *devenir*) beberão fortemente da fonte do pensamento de Tales, cada um pensando um princípio diferente ao mundo da natureza (*Apeiron*, o Ar, o Fogo ou *Logos*), mas vendo nos mesmos o mesmo processo de surgimento, manutenção, e aniquilamento das coisas (REALE, 2012).

A esta forma de se pensar e se questionar sobre o *Kosmos* será contraposta uma outra visão a ser desenvolvida posteriormente por Parmênides de Eléia (séc. VI a.c) (REALE, 2012). Aqui, não mais o mundo da natureza em seus primeiros princípios e processos de transformação assumem o foro do pensamento filosófico, mas sim o estudo do Ser, dando início àquilo que na tradição filosófica ocidental será conhecida como Ontologia (REALE, 2012).

Esta Ontologia de Parmênides se contraporá ao pensamento dos filósofos da Natureza em sua questão mais essencial e básica: Não existe o Não-ser, portanto, o *devenir*, ou o vir-a-ser, torna-se impossível (REALE, 2012).

Desta forma, duas formas diferentes de se pensar a filosofia, uma Filosofia da Natureza, do *devenir*, e outra do Ser, a Ontologia, aparecerão no bojo do nascente pensamento filosófico grego, contrapondo-se uma à outra. Em Platão, esta contraposição que é expressa nos dois maiores representantes de cada uma destas escolas (Heráclito e Parmênides) encontrará uma tentativa de conciliação, com a problematização que Platão fará dos conceitos de Ser, Não-ser e de *devenir* presentes em algumas de suas obras (REALE, 2014).

Este artigo, portanto, é uma tentativa de traçar o caminho que Platão fez ao integrar estas duas diferentes concepções filosóficas Pré-Socráticas nas suas obras, particularmente no *Sofista* e no *Timeu*. Ele começa com um pequeno apanhado dos principais conceitos das filosofias de Heráclito

e Parmênides, seguidos de uma análise das partes do texto do *Sofista* e do *Timeu* que dizem respeito à problemática do Ser, do Não-ser e do *devenir*. Na análise, são indicados os possíveis pontos de contato e integração com o pensamento da escola Heraclitiana e Eleata. Por último, uma conclusão fará um parecer (que de forma alguma pretende-se como definitivo ao tema) em como a formulação dos conceitos de Ser, Não-ser e *devenir* na obra platônica devem à definição que estes termos têm no pensamento dos dois filósofos Pré-socráticos em questão, e como há uma possível integração de suas duas concepções antagônicas quanto ao tema no corpo filosófico platônico.

O PENSAMENTO DE HERÁCLITO E A UNIDADE DO NÃO-SER E SER

Heráclito viveu durante a virada do século VI para o V a.c (REALE, 2012). Ele era considerado um pensador austero e soberbo, ao mesmo tempo que também mantinha uma vida isolada e à parte do convívio social com seus demais concidadãos na cidade de Éfeso (REALE, 2012). Fortemente influenciado pela filosofia dos Milesianos (Tales, Anaximandro e Anaxímenes), e pela sua ideia de uma produção do mundo natural pela alteração ou *devenir* de um primeiro princípio, Heráclito leva as indagações desta escola à um outro nível, dando uma ênfase principal ao processo de transformação de todas as coisas, o constante vir-a-ser (REALE, 2012).

Este constante processo de transformação torna-se a base de todo o mundo da natureza, a *physis*, na qual há um eterno movimento das coisas para os seus opostos: do frio para o calor, da noite para o dia, da vida para a morte, e vice e versa. Isto permite a Heráclito dizer que nas coisas tanto o Ser como o Não-ser coexistem (REALE, 2012). Se o movimento está na base de todos os processos naturais, toda a natureza vai de um constante estado de Não-ser para um estado de Ser: de não-ser frio para o ser frio, de um

não-ser quente para o quente, de uma não-vida para a vida, de uma não-velhice para a velhice. Como escreve Aristóteles, em sua *Meteorologia*, citando um dos fragmentos da obra de Heráclito: “O Sol não apenas, como Heráclito diz, é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente.” (ARISTÓTELES, 1996, p.88).

Desta forma, na filosofia de Heráclito, há uma possibilidade de convivência de atributos ou concepções contraditórias dentro uma mesma realidade ou unidade, já que o processo constante de transformação de tudo, o *devenir*, deve permitir que tudo aquilo que não é o seu oposto possa tornar-se nele, e vice-versa. Como cita Hegel sobre Heráclito, em suas *Preleções sobre a História da Filosofia*:

Os Eleatas diziam: só o ser é, é o verdadeiro; a verdade do ser é o devir; ser é o primeiro pensamento enquanto imediato. Heráclito diz: Tudo é devir; este devir é o princípio. Isto está na expressão: ‘O Ser é tão pouco quanto o não-ser; o devir é e também não é’. As determinações absolutamente opostas estão ligadas numa unidade; nela temos o ser e também o não-ser. (HEGEL, 1996, p.103)

Esta unidade citada por Hegel, na qual tanto Não-ser como Ser estão ligadas é a harmonia que existe em todo o *kosmos*, que leva ao constante movimento de um oposto ao outro, aquilo que Heráclito chamará de *Logos*, não entendido necessariamente como razão ou inteligência, mas como Regra ou Lei pela qual todas as coisas são governadas (REALE, 2012). O sábio seria aquele que tem a capacidade de “ouvir” a esta regra ou a este *Logos*, como cita Hipólito, ao reproduzir um dos fragmentos da filosofia heraclitiana: “Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar, tudo é um” (HIPÓLITO, 1996, p.93).

No mundo natural, Heráclito identificará este Logos, a harmonia presente no constante *devir* com o Fogo: nele há constante mudança, constante movimento e harmonia das coisas; ele tanto destrói como também cria (REALE, 2012).

PARMÊNIDES E A CRÍTICA AO NÃO-SER E AO *DEVIR*

Como certo contraposto à filosofia promulgada pelos filósofos da Natureza, e que encontrou em Heráclito seu principal defensor enquanto processo de constante *devir* ou vir-a-ser, temos Parmênides de Eléia, criador de Escola Eleata e também considerado como o iniciador das investigações Ontológicas na história da filosofia ocidental (REALE, 2012).

A grande questão que se colocava a Parmênides era quanto a irracionalidade do conceito de Não-ser (REALE, 2012). Para o Eleata, era impossível de se pensar o Não-ser, algo que não é. Apenas o Ser, ou aquilo que é ou que existe, poderia ser objeto de nosso pensamento (REALE, 2012). Aqui torna-se evidente uma das principais diferenças de Parmênides para com os demais filósofos de sua época: enquanto eles partiam da via da experiência e da observação, e percebiam um mundo que se encontrava em constante movimento e transformação, Parmênides escolhia a via do pensamento, aquela que para ele seria a única via que permitiria um conhecimento verdadeiro e sólido. Caso algo não possa ser pensado, este algo não deve existir, havendo assim uma clara identificação entre o pensar e o Ser (REALE, 2012). Isto fica evidente em um dos fragmentos de sua filosofia, citado por Clemente de Alexandria, em *Tapeçarias*: “Pois o mesmo é a pensar, e portanto ser.” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 1996, p.122)

Assim, para Parmênides, toda a ideia de uma não-existência, de um Não-ser parece e aparece como impossível. Com o Não-ser sendo

impossível, toda a concepção de movimento ou transformação pensada pelos filósofos Milesianos e colocada em ênfase por Heráclito torna-se igualmente improvável (REALE, 2012). Como poderia o *kosmos* transformar-se, mudar-se, passar de um estado de Não-ser para Ser (o *devenir*), se todo o conceito de um não-algo é irracional e impensável?

A questão colocada por Parmênides, então, é a da impossibilidade da transformação ou do *devenir*, devido a inexistência do Não-ser (REALE, 2012). Não há movimento e transformação, ou passagem das coisas de um estado para outro: um não-ser frio para um frio, um não-ser quente para um quente. Assim, a natureza das coisas enquanto constante movimento é apenas ilusória: apenas o Ser existe, e com isto, tudo é imóvel (REALE, 2012)

Nietzsche, em sua *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, resumirá o trajeto do pensamento de Parmênides da seguinte forma:

Algo que não é pode ser uma qualidade? Ou, interrogado no plano dos princípios: algo que não é, pode ser? Mas a única forma do conhecimento que nos oferece imediatamente uma segurança incondicional e cuja negação iguala a loucura é a tautologia $A=A$. Este mesmo conhecimento tautológico lhe dizia implacavelmente: "O que não é, não é! O que é, é!" (NIETZSCHE, 1996, p.131)

O SOFISTA DE PLATÃO E A QUESTÃO DO NÃO-SER

Após a exposição dos principais conceitos das filosofias de Heráclito e Parmênides, podemos realizar um estudo das obras *Sofista* e *Timeu* de Platão, a fim de analisarmos como os conceitos destes dois filósofos Pré-socráticos foram trabalhados nesta parte do corpo filosófico do autor ateniense, dando especial atenção à problematização platônica dos conceitos de Ser, Não-ser e *devenir* (ou vir-a-ser).

O diálogo *Sofista* consiste principalmente de um longo ensinamento do personagem Estrangeiro (aqui visto como porta voz das ideias de Platão) à Teeteto, que é utilizado como um interlocutor (BINI, 2007). Durante o diálogo, ambos se debruçam sobre a questão principal que está por trás de toda obra: o que seria o Sofista? (BINI, 2007).

Normalmente também de origem estrangeira, os Sofistas eram profissionais que adentraram o mundo ateniense no século V a.c, e que tinham como principal prática remunerada o ensino da Retórica com o intuito do convencimento e da vitória em debates (BINI, 2007b). Algumas importantes figuras do cenário filosófico grego da época como Protágoras e Górgias eram Sofistas, e com a importância do debate no processo político democrático ateniense, eles ganharam influência sobre jovens e demais pretendentes a cargos políticos na *pólis* (BINI, 2007b). Entretanto, para pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles, o termo “filósofo” como um “amante da sabedoria” era questionável de ser atribuído aos Sofistas, já que eles não tinham como base de suas práticas a busca pela Verdade, mas apenas a arte da Retórica e do convencimento (BINI, 2007b).

Após um longo diálogo no qual o Estrangeiro e Teeteto tentam buscar a definição do que seria um Sofista ambos percebem que, não importando a definição que eles os davam, os Sofistas sempre pareciam ter uma espantosa característica: contrariando a filosofia de Parmênides, eles conseguiam tornar o Não-ser (aquilo que não existe, e que portanto não pode ser pensado e nem ser verdadeiro) em algo que existe, pois eles conseguiam tanto pensar como falar o falso, o não verdadeiro, aquilo que não é, o Não-ser (Pl.*Soph.*237a-b).

A partir daqui o Estrangeiro, junto com seu interlocutor, realiza uma longa investigação sobre a natureza do Ser, este conceito tão importante à filosofia Eleata, promovendo aquilo que em suas palavras ele chamará de o

“Parricídio de Parmênides” (Pl.*Soph.*241e-d). Este parricídio se concretizará com a destituição da proposição mais essencial da filosofia parmênica: a de que o Não-ser não existiria.

Pensando inicialmente sobre o Ser, o Estrangeiro se vê obrigado a dar o estatuto de Ser ou existente tanto ao Movimento como ao Repouso, pois ambos claramente pareciam existir: há tanto coisas que estão em repouso como coisas que estão movimento, então tanto o Repouso como o Movimento existiriam (Pl.*Soph.*249c-e). Apesar disso, não seria possível que Ser, Repouso e Movimento fossem uma única coisa, pois se o fossem ocorreria uma contradição, pois desta forma o Repouso e Movimento seriam iguais um ao outro (Pl.*Soph.*250a-e). Aqui, um outro conceito é inserido no diálogo: o Diferente (Pl.*Soph.*254d-255a). Sem o Diferente, Ser, Repouso e Movimento seriam o mesmo. Assim, tanto Repouso e Movimento participam da natureza do Ser, mas ambos, devido ao Diferente, não participam da natureza um do outro (Pl.*Soph.*254d-e). Ao mesmo tempo, apesar de Repouso, Movimento e Ser serem diferentes entre si, os três são idênticos a si mesmos. Com isso, o quinto e último conceito desta sessão do Sofista é apresentado: o Idêntico (Pl.*Soph.*255c-e).

Desta forma, Platão (na voz do Estrangeiro), postula a existência de cinco Formas, Ideias ou Gêneros supremos das quais tudo o que existe participaria e que, por suas próprias naturezas, algumas mesclar-se-iam entre si e outras seriam impedidas de fazê-lo: o Ser, o Movimento, o Repouso, o Diferente e o Idêntico.

São com estes cinco gêneros que o Estrangeiro realizará a finalização do “Parricídio de Parmênides”. Ele argumentará: tanto o Repouso, como o Movimento, o Idêntico e o Diferente *são*, pois todos eles participam do gênero do Ser (Pl.*Soph.*256d-257a). Entretanto, Movimento, Repouso, Idêntico e Ser

também participam da natureza do Diferente, pois todos eles são diferentes entre si. Isto consistiria em dizer, por exemplo, que o Movimento é, pois ele participa da natureza do Ser. Mas ao mesmo tempo dizer que este mesmo Movimento, por participar da natureza do Diferente, é diferente do Ser. Sendo diferente do Ser, ele também não é Ser, e portanto, não é. Nas palavras de Platão, através do Estrangeiro:

Assim, no que toca ao movimento, o não ser necessariamente é, estendendo-se isso a todos os gêneros, uma vez que em todos a natureza do diferente opera de tal maneira a tornar cada um diferente do ser, e portanto, não ser. Assim, a nós é facultado, desse ponto de vista, declarar acertadamente, no tocante a todos eles igualmente, que não são. E por outro lado, também acertaríamos se disséssemos que são seres, uma vez que participam do ser. (Pl.*Soph.*256d-257a)

Assim, Platão através do Estrangeiro parece realizar uma completa crítica a teoria de Parmênides da impossibilidade da existência do Não-ser, pondo-se ao lado da filosofia de Heráclito, para o qual tanto o Não-ser como o Ser conseguiam coexistir em uma mesma unidade. Ao mesmo tempo, Platão parece tentar aqui uma nova harmonização com a teoria parmênica: o Não-ser de cada um dos gêneros que não é o Ser (Movimento, Repouso, Idêntico e Diferente), não é um Não-ser absoluto, mas apenas relativo aos demais gêneros devido a participação na natureza do Diferente (Pl.*Soph.*257b-258c). Caso ele fosse absoluto, nenhum deles participaria da natureza do Ser, e portanto não existiriam. Ao mesmo tempo, nenhum deles é o Ser em si mesmo, idêntico a si, logo, *relativamente* ao Ser, eles são Não-ser (Pl.*Soph.*259a-c).

Desta forma, diferente de Parmênides que vê a questão do Não-ser como uma questão ontológica, que sempre denotará a não existência, para

Platão, o Não-ser jamais existirá na forma absoluta, mas apenas na sua forma relativa, em relação à algum diferente. Dizer que algo não é, não é dizer que ele não *exista*, mas apenas que ele não é *algo que é diferente de si mesmo*. Nas próprias palavras de Platão, através do Estrangeiro: “Quando dizemos não-ser, nos referimos, suponho, não a algo que seja o oposto do ser, mas somente a algo diferente” (Pl.*Soph.*257b).

Assim, enquanto o Não-ser relativo possibilita a harmonização com a teoria de Heráclito (a existência de um tipo contradição no seio da unidade), a impossibilidade do Não-ser absoluto parece ainda mostrar-se (apesar da declaração do Estrangeiro do “Parricídio de Parmênides”) um último aceno à Filosofia Eleata, mesmo que ela envolva uma certa reinterpretação da proposição mais básica de Parmênides quanto a impossibilidade do Não-ser.

Por último, o Estrangeiro prossegue e também discursa sobre a natureza do “não” (Pl.*Soph.*257b). Para ele, o “não” denota muito mais o diferente do que o oposto. Ao dizermos que uma coisa não é grande, não queremos dizer que ela seja necessariamente pequena, mas que ela pode ter vários outros tamanhos *diferentes* do grande, como o médio, o pequeno, entre outros (Pl.*Soph.*257-b). Como o Diferente participa da natureza do Ser, os diferentes do grande, os não-grande, também participam do Ser, e logo, também existem (Pl.*Soph.*257e-257a).

O DEVIR E O NÃO-SER NO TIMEU

Uma de suas principais obras de maturidade, e uma das mais influentes de toda a história da Filosofia, o Timeu apresenta a narrativa platônica da criação do mundo por uma divindade, o Demiurgo, que o molda ou cria através de sua visão das Formas ou Ideias perfeitas presentes no mundo inteligível (REALE, 2014).

Aqui, novamente a questão do Não-ser aparece, mas desta vez associada à do *devir*, ou do vir-a-ser. Timeu, o personagem principal do diálogo, ao falar do processo de criação do nosso mundo natural e sensível pelo Demiurgo associa as Formas ou Ideias, e o mundo inteligível na qual elas existem, ao verdadeiro Ser (Pl. *Ti.28a-b*). Aqui, o Ser claramente toma certos contornos que tinha na filosofia de Parmênides, pois as Formas são descritas por Timeu como aquilo que “é sempre e não devém” (Pl. *Ti.27d*). Assim, as formas não sofrem nenhum tipo de transformação ou de possível movimento.

À outra alusão ao pensamento Eleata, Platão associa o mundo imutável do Ser à possibilidade de apreensão racional, à um verdadeiro conhecimento, ecoando a proposição parmênica da identificação entre o Ser e pensar. Nas palavras do filósofo Ateniese, referindo-se ao mundo das Formas ou Ideias: “[...] poder ser apreendido pelo pensamento com o auxílio da razão, pois é imutável.” (Pl. *Ti.28a*).

Entretanto, ao mundo sensível e natural, Platão o designa através de Timeu como aquilo que “devém e se corrompe, não pode ser nunca” (Pl. *Ti.28a*). Por ser um mundo criado através da ação do Demiurgo tomando como molde as Formas ou Ideias presentes no mundo inteligível (o mundo do Ser), nosso mundo sensível não possui o estatuto da eternidade, do Ser eterno e imutável. Tendo sido gerado, ele passou de um estado de Não-ser para um de Ser, logo um vir-a-ser (Pl. *Ti.27d-28b*).

Assim, o estatuto do constante *devir* é atribuído ao mundo sensível ou natural, uma clara alusão à filosofia de Heráclito. Neste mundo, as coisas são geradas (o próprio mundo sensível é gerado através de um princípio e da ação demiúrgica), transformam-se e perecem. É por isso que Timeu o designa como o mundo que nunca realmente é, assim, um mundo no qual há a presença do Não-ser (Pl. *Ti.28a*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas leituras do *Sofista* e do *Timeu*, fica evidente que a abordagem platônica quanto aos temas do Ser, do Não-ser e do *devir*, ocorre através de uma tentativa de harmonização de elementos das filosofias tanto de Heráclito como de Parmênides.

Inicialmente no *Sofista*, ora dando razão a um e ora a outro, Platão reconhece a evidência de que o nosso mundo, o mundo sensível ou da natureza existe em um constante estado de vir-a-ser, um constante *devir*, realizando um aceno à Heráclito. Em outro aceno à filosofia heraclitiana, Platão reconhece a existência de um Não-ser junto ao Ser em cada coisa que existe. Entretanto, Platão aqui também parece assumir em parte a postura de Parmênides, ao negar a possibilidade de um Não-ser absoluto em cada coisa, mas apenas em relação próprio gênero do Ser enquanto idêntico a si mesmo, e na relação das diferentes coisas entre si, ao afirmar, por exemplo, que o não-grande não é um não existente, mas apenas tudo aquilo que é diferente do grande.

Já no *Timeu*, as questões do Ser, do Não-ser e do *devir* aparecem separada em dois mundos distintos: o Não-ser e o *devir* ficam relegados ao mundo sensível e natural, aquele que nunca realmente chega a ser por completo (mais uma vez, com um aceno a Heráclito). Este mundo é uma cópia imperfeita criada pelo Demiurgo do mundo do Ser, o mundo inteligível, o das Formas ou Ideias sempre imutáveis e sem movimento, claramente um aceno à filosofia Eleata, até mesmo na identificação entre este mundo do Ser imutável e o pensar. Nesta obra, fica evidente a faceta do corpo filosófico platônico descrita por seu discípulo Aristóteles na *Metafísica*. Nela, Aristóteles relembra as origens heraclitianas do pensamento de Platão (pois o mesmo fora discípulo de Crátilo, filósofo influenciado pela teoria de Heráclito), dizendo

que Platão ainda afirmava a doutrina do pensador de Éfeso da constante transformação ou *devir* das coisas (Arist.*Metaph.*987a30-987b15). Entretanto, ao entrar em contato com o pensamento Socrático, que buscava por uma universalidade em certas definições (como a Justiça, a Virtude, a Beleza), e assim, uma imutabilidade nos conceitos, não conseguiu conciliar estas duas visões (a de um eterno vir-a-ser com a de definições igualmente eternas em sua imutabilidade) em um único mundo (Arist.*Metaph.*987b-10). Nas palavras de Aristóteles: “Ora Platão aceitou esta doutrina socrática, mas acreditou, por causa da convicção acolhida dos heraclitianos, que as definições se referissem a outras realidades e não às realidades sensíveis.”(Arist.*Metaph.*987b-5)

Desta forma, parece que enquanto a solução ao problema do Ser, do Não-ser e do *devir* no *Timeu* necessitou a separação do universo em dois mundos diferentes, um mundo do *devir* e outro do Ser, no *Sofista*, apesar da presença dos cinco gêneros supremos citados no texto como Formas ou Ideias, a solução para esta problemática pareceu não necessitar da separação da existência em dois campos distintos. As Formas ou Ideias no *Sofista* não são citadas como o mundo do Ser ou do permanente, fazendo contraposição à um mundo sensível no qual há apenas *devir* e por consequência, também o Não-ser. Ao contrário, os gêneros supremos no *Sofista* parecem apresentarem-se como os meios pelos quais tanto o Ser, o Não-ser e o *devir* conseguem ter sua existência, imanentemente, em um único e mesmo mundo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giiovanni Reale. Vol. 2. Trad. Marcelo Perine. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- ARISTÓTELES. *Meteorologia*. In: PESSANHA, J.A.M. *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*.1.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- BINI, E. *Apresentação*. In: PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofistas)*. Trad. Edison Bini. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2007.
- BINI, E. *Introdução: O Movimento Sofista*. In: PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofistas)*. Trad. Edison Bini. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2007b.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Tapeçarias*. In: PESSANHA, J.A.M. *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*.1.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- HEGEL, G.W.F. *Preleções sobre a História da Filosofia*. In: PESSANHA, J.A.M. *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*.1.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- HIPÓLITO. *Refutação*. In: PESSANHA, J.A.M. *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*.1.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*. In: PESSANHA, J.A.M. *Os Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*.1.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofistas)*. Trad. Edison Bini. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2007.

PLATÃO. *Tímeu-Crítias*. Trad. Rodolfo Lopes. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

REALE, G. *História da Filosofia grega e romana*. Vol. 1. Trad. Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

REALE, G. *História da Filosofia grega e romana*. Vol. 3. Trad. Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.